

REPRESENTAÇÃO DO POVO E INVENÇÃO DE LINGUAGEM EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

*Willi Bollé**

RESUMO

A questão da representação do povo, no romance de Guimarães Rosa, é estudada, aqui, na perspectiva do escritor de desenvolver a dimensão lingüística da cultura sertaneja. Para analisar a labiríntica rede de falas sertanejas, nos serve de guia o programa rosiano de “invenção de uma nova língua”. O estudo mostra que o autor monta um retrato do Brasil articulado por personagens do povo, com falas que “atravessam” criticamente o discurso do narrador Riobaldo enquanto dono do poder. Com sua invenção de linguagem, Rosa transcende a dimensão da “obra literária”; mobilizando a língua como “energia”, ele evidencia o seu potencial como instrumento de diálogo entre as classes em conflito.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Cultura popular; Povo; Cultura sertaneja; Fala popular; Invenção de linguagem.

Ao intérprete de obras escritas eu gostaria de aconselhar enfaticamente exercitar-se com zelo na interpretação das conversas significativas. (F. Schleiermacher, 1829)

A cada dia que passa, o Brasil real assemelha-se mais ao país retratado por Guimarães Rosa em seu romance *Grande sertão: veredas*.¹ Não somente no remoto sertão, mas também nas grandes cidades existem territórios onde a soberania é exercida abertamente por bandidos no lugar de policiais; estes, quando em greve, encapuzados e de armas na mão, confundem-se com criminosos. Recentemente, um comando de bandidos anunciou que lançará um candidato a deputado. Quanto a vários políticos do mais alto escalão, eles têm ocupado o noticiário não

* Universidade de São Paulo. Autor, entre outros, de *Fórmula e fábula*. Teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa (São Paulo: Perspectiva, 1973).

¹ Rosa (1967). Citado daqui em diante GSV.

pelos serviços que prestam à nação, mas pelo seu envolvimento em ações ilegais, no estilo dos velhos mandões locais e de chefes de quadrilha.

Nesse contexto, convém lembrar que **Grande sertão: veredas** é um retrato do “sistema jagunço” (a expressão é do narrador Riobaldo), retrato que põe em cena, alegoricamente, bandos de criminosos disputando o poder no planalto central do Brasil. Enquanto instituição situada ao mesmo tempo dentro da esfera da Lei e do Crime, o sistema jagunço é uma representação do funcionamento de uma parte significativa das estruturas do poder. Visionariamente, o escritor e pensador Guimarães Rosa – cujo narrador declara “Eu me lembro das coisas antes delas acontecerem” (GSV, p. 27) – traçou um quadro tão lúcido quanto adivinhatório de uma criminalização generalizada da sociedade, da qual somos testemunhas. Os problemas e os conflitos sociais são de tal gravidade que trazem o risco de um dia explodir em forma de uma guerra civil.

Se a temática do sistema jagunço evidencia a atualidade do romance de Guimarães Rosa, qualquer leitura erra o alvo se não refletir cuidadosamente sobre o modo muito diferenciado como é construído esse retrato do Brasil. **Grande sertão: veredas** pode ser considerado uma refinada versão ficcional de uma história das estruturas. Sobre a base do romance, constituída pela situação narrativa – um fazendeiro chefe de jagunços contando sua história a um interlocutor urbano – são montadas determinadas camadas de falas, que representam os conflitos sociais e políticos em forma de conflitos entre discursos. Estes correspondem a forças atuantes na história brasileira, sendo o narrador rosiano essencialmente um comentarista de discursos.

Os discursos colocados em cena no romance pertencem basicamente a dois sistemas retóricos, como é sinalizado alegoricamente desde o título em forma de contraponto. **Grande sertão**: a grandiloquência dos donos do poder, sempre no alto; em oposição, no raso das **veredas**, a fala humilde do povo.

Enquanto expressão do sistema vigente de dominação, o sistema jagunço é retratado por Guimarães Rosa não apenas em forma de guerras e batalhas, mas sobretudo como sistema retórico. Pode-se mostrar, como já fiz num trabalho anterior, como o protagonista Riobaldo é iniciado nessa retórica e como acaba por incorporá-la (Bolle, 2000, p. 34-47 e p. 47-63). Pode-se mostrar também como ele, apesar de representar o discurso dos donos do poder, é ao mesmo tempo um porta-voz dos humildes (Bolle, 1999-2000). Para entender melhor a posição social contraditória do protagonista-narrador, é preciso investigar também a sua relação com o lado oposto ao poder: as pessoas simples do povo. Essa questão, a da representação do povo, que implica em retratar o problema social do Brasil, será estudada aqui do ponto de vista do trabalho com a linguagem.

O protagonista intrínseco do romance e da obra de Guimarães Rosa como um todo, é a multidão dos marginalizados e excluídos. A essa categoria social, se-

gundo as pesquisas mais recentes, pertencem 50 milhões de pessoas, isto é, cerca de 30% da população brasileira – sendo que a esse contingente se acrescenta ainda o sem-número dos pobres. Essas populações de baixo, retratadas no romance, têm recebido pouca atenção por parte dos estudiosos, salvo raras exceções, como Walnice Galvão (1972, p. 35-39), que lhes dedica um breve capítulo, intitulado “A plebe rural”. Ela chega à conclusão que o romance é “o mais profundo e mais completo estudo até hoje feito sobre a plebe rural brasileira, por outro lado também é a mais profunda e mais completa idealização dessa mesma plebe” (p. 74).

A afirmação de que Guimarães Rosa idealiza “a plebe” (ele mesmo não usa essa palavra) é discutível. O seu narrador discute explicitamente a questão da idealização: “Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias...” (GSV, p. 15). O retrato do povo sertanejo por parte de Rosa é, muito pelo contrário, uma antítese às idealizações. Uma comparação com a representação do povo em *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1998),² demonstraria que *Grande sertão: veredas* é uma crítica contundente ao livro precursor que, esse sim, forjou uma imagem idealizada do sertanejo.

Para retratar os habitantes do sertão, Guimarães Rosa, assim como Euclides, parte do tópos do povo como o desconhecido.³ “O senhor mal conhece esta gente sertaneja” (GSV, p. 199), diz Riobaldo a seu interlocutor urbano, que representa a camada dos letrados. Enquanto em Euclides, a documentação sobre os sertanejos cede lugar à sua transformação em figuras da história e da literatura universal, a tal ponto que a invenção resulta em abstratas “idéias arranjadas”, em Guimarães Rosa, a invenção jamais perde o contato com a matéria documentária. O procedimento de misturar documento e invenção, que caracteriza a sua representação do sertão – numa combinação da geografia empírica com uma geografia imaginária – é usado também no tratamento de temas como o sistema jagunço ou o povo.

O traço fundamental de Guimarães Rosa, segundo Antonio Candido (1964, p. 121), é a absoluta confiança na liberdade de inventar“. Nem por isso o romancista abre mão do método antropológico da *observação participante*. *Grande sertão: veredas* situa-se na tradição brasileira do “romance [como] verdadeira forma de pesquisa e descoberta do país”,⁴ em que o trabalho do ficcionista, longe de apagar o do etnógrafo e do historiador, incorpora também estes papéis. Riobaldo, iniciando-se no

² Citado daqui em diante “OS”.

³ Cf. em Euclides, passagens como esta: “O vaqueiro encourado emerge da caatinga [...] junto aos trilhos, em que passam [...] os patrícios do litoral, que o não conhecem” (OS, p. 422).

⁴ Nestes termos, Antonio Candido (1959, v. 2, p. 112) caracteriza o romance romântico (Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay), em cujas interpretações da realidade brasileira ele nota “vigor e eficácia equivalentes aos dos estudos históricos e sociais”. Guimarães Rosa sintoniza-se com essa tradição, na medida em que se propõe “trabalhar como um cientista e segundo as leis da ciência” (*apud* Lorenz, 1970, p. 524; trad. p. 89).

contato com os jagunços, de caderneta na mão (cf. **GSV**, p. 103), é um retrato alegórico do próprio autor como pesquisador do sertão. Movimentando-se “no entremeio” dos jagunços (**GSV**, p. 143), ele descreve o ambiente e os tipos humanos, as conversas e as comidas, os afazeres e “os usares” (**GSV**, p. 130) e, com tudo isso, o estado geral da jagunçagem.

Como mostram as recentes discussões sobre a poética e a política da etnografia,⁵ o escrever sobre culturas “não-cultas” sofreu profundas mudanças na assim chamada era “pós-colonial”. Esse diferencial de tempo tem que ser levado em conta quando se compara a representação dos sertanejos em Guimarães Rosa com a de Euclides. **Os sertões** é um livro fortemente condicionado pela etnografia dos vencedores, característica da época do imperialismo clássico. Já na feitura de **Grande sertão: veredas** sentem-se as marcas da dissolução dos impérios coloniais e de uma etnografia relativista. Diferentemente da antropologia *auctorial*⁶ de Euclides, Guimarães Rosa optou por retratar a sociedade sertaneja através de um profundo mergulho em sua dimensão lingüística.

A representação do personagem coletivo em **Grande sertão: veredas** se faz por meio de uma dissolução das convencionais categorias abstratas de “povo” e de “nação”, em prol do concreto. Diferentemente de Euclides, que estiliza a sociedade sertaneja em “cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (**OS**, p. 93), Guimarães Rosa distancia-se do “falar muito nacional”, preferindo colocá-lo na boca de um de seus personagens: Zé Bebelo (cf. **GSV**, p. 104). O enfoque da sociedade em termos de grupos, bandos e pequenos ajuntamentos de indivíduos – no sentido de uma antropologia de três ou dois dígitos – pode ser considerado como uma tendência de renovar a historiografia convencional a partir de retratos de micro-estruturas sociais.

A sociedade sertaneja é apresentada por Guimarães Rosa por meio de uma ordem labiríntica, com centenas de retratos de pessoas, espalhados por toda a extensão do romance, numa quantidade enciclopédica de informações. Isso constitui, sem dúvida, uma dificuldade metodológica especial para se estudar o personagem coletivo. Uma imensa rede de falas sertanejas acompanha a trajetória de Riobaldo através do seu meio social. Assim como o Homem da Multidão, na narrativa científica exemplar de Edgar A. Poe, assim também o protagonista-narrador de **Grande sertão: veredas** mantém-se sempre no meio do povo.

Para chegarmos a uma melhor compreensão do método rosiano de representação do universo sertanejo, é elucidativo partir de um comentário de Antonio Candido (1959a, *apud* Daniel, 1968, p. 156) sobre a relação entre “materiais” e “invenção” na obra do escritor:

⁵ O ponto de partida dessa discussão foi o livro de Clifford/Marcus, 1986, seguido de Geertz, 1988.

⁶ Tomo este termo emprestado à teoria da narrativa de Stanzel, 1989.

O aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja se dá “de dentro para fora”, no espírito [...]. O autor *inventa*, como se, havendo descoberto as leis mentais e sociais do mundo que descreve, fundisse num grande bloco um idioma e situações artificiais [...].

À luz dessa explicação pode-se imaginar como primeiro passo de trabalho do romancista a documentação da vida, cultura e fala dos sertanejos – um *fieldwork* de observação e convívio, com leituras de apoio, em que se destaca sua extraordinária sensibilidade para o registro dos fatos de linguagem.

Numa segunda etapa, o material colhido *externo* foi elaborado e transformado com vistas à estruturação dos componentes *internos* de uma obra. Tendo captado intuitivamente as leis sociais e mentais do mundo sertanejo – em lances de compreensão para os quais foi decisivo seu mergulho na linguagem –, o autor passou a organizar essas leis num modelo literário, em que os limites entre documentação e invenção são fluídos, dificultando uma rigorosa separação.

Como distinguir uma fala documentada de uma fala inventada? O único método viável parece ser o da investigação genética. Ou seja: comparar o registro de uma determinada fala sertaneja na caderneta de campo do escritor com a sua versão ficcional – o que provavelmente só é possível em alguns casos pontuais. No mais, a “autenticidade” das falas sertanejas não reside na transcrição documental mecânica e, sim, na sua recriação estética. Conforme já esclareceram os estudiosos da matéria, o discurso de Riobaldo é uma “estilização” “da linguagem falada” (Proença, 1959, p. 219), uma “oralidade *ficta*” (Galvão, 1972, p. 70), uma “ilusão de oralidade”, em que o “discurso escrito [é] para ser lido como se estivesse sendo ouvido” (Ward, 1984, p. 80).

Se os críticos estão unânimes em caracterizar o projeto poético de Guimarães Rosa como “inovação de linguagem”, alguns foram mais longe, falando em “idioma Guimarães Rosa” ou em “invenção de uma nova língua”. Esse foi o tópico central da entrevista com Günter W. Lorenz (1970, p. 511-521; trad. p. 80-87), que considera que a importância do escritor brasileiro no conjunto da literatura latino-americana se fundamenta em boa parte em sua “criação de linguagem”. Mesmo que se possa contestar, com argumentos puramente lingüísticos, que Guimarães Rosa tenha “inventado” ou “criado” uma língua (cf. Proença, 1959, p. 216; Castro, 1970, p. 9), a formulação provocativa de *invenção de uma nova língua* me parece heurística-mente fecunda para esclarecer a especificidade do projeto *poético e político* desse escritor, examinado aqui do ângulo da representação do povo.

Vale lembrar que a invenção de linguagem é um tema central dos autores clássicos da filosofia alemã da linguagem – Herder, Friedrich Schlegel, Schleiermacher, Jacob Grimm, Wilhelm von Humboldt –, surgida não por acaso no momento da emancipação cultural de seu país. Várias reflexões desses autores podem ser usadas como instrumentos hermenêuticos para elucidar teoricamente a experimentação

de Guimarães Rosa com a linguagem. Para todos eles, assim como para o romancista, não se trata somente de questões estritamente literárias ou estéticas, mas de um projeto geral de formação, com a inclusão das camadas populares. Através do seu alter ego Riobaldo, que se movimenta no meio do povo como num elixir de linguagem, Guimarães Rosa torna-se, para usar uma citação de Jacob Grimm (1819, p. 31), “a gramática em pessoa”.

Evidentemente, para podermos compreender a gramática rosiana da invenção de linguagem, que é uma das mais ricas expressões universais do que Roman Jakobson (1973 e 1984) chama “poesia da gramática”, trata-se de ouvir também as explicações do próprio autor sobre suas motivações e seus métodos.

A necessidade de uma reinvenção do português do Brasil tem seu ponto de partida na crítica a que Guimarães Rosa submete a linguagem existente. Ele diagnostica a “morte” da linguagem corrente, no cotidiano como na esfera pública (*apud* Lorenz, 1970, p. 522s.; trad. p. 88s.). Dessa linguagem, desgastada e deteriorada pelos “clichês” da publicidade e a “permanente tagarelice” dos políticos “sobre a realidade” (p. 508; trad. p. 77), sobram apenas “formas do falso” (cf. GSV, p. 275). O escritor se põe em busca de uma alternativa: uma língua “literária”, que sirva “para expressar idéias” e “pronunciar verdades poéticas”. Com essa demanda enfática de verdade, Guimarães Rosa retoma a ética da retórica clássica. Segundo Cícero, a *invenção* é a “ação de pensar coisas verdadeiras ou semelhantes à verdade”, e a arte de encontrar tais pensamentos. “O mundo somente pode ser renovado através da renovação da linguagem”, resume Guimarães Rosa (p. 522; trad. p. 88), cujo objetivo declarado é a “modificação das realidades lingüísticas” existentes, através da poesia (p. 528; trad. p. 92).

No seu centésimo aniversário, declarou o escritor numa entrevista, ele desejaria publicar uma obra que fosse ao mesmo tempo seu romance mais importante e sua autobiografia: essa obra teria a forma de um „dicionário“ (*apud* Lorenz, 1970, p. 523; trad. p. 89). Se tomamos essa palavra em sua acepção literal – dicionário/*dictionarium*, de *dictio* –, teríamos, como bem lembra Jacob Grimm (1854, p. 311), uma coletânea de *ditos* expressivos. Ora, é precisamente o que Guimarães Rosa já realizou com o seu romance: **Grande sertão: veredas** é uma montagem de centenas de falas, conversas, fragmentos de discursos, dos quais uma parte significativa pertence a pessoas do povo.

De fato, o romancista, em vez de falar *sobre* o povo, faz com que o povo se auto-represente, através de suas próprias falas. A obra contém cerca de 1300 enunciados dos habitantes do sertão em forma de discurso direto, e quase outro tanto em discurso indireto – sendo que a alternância entre esses dois modos é motivada também por razões estilísticas. Isso representa uma proporção de quase 100: 1 em comparação com a historiografia e etnografia auctorial praticada por Euclides da Cunha

em *Os sertões*. Embora a maioria das falas, no romance de Rosa, pertença aos personagens principais e aos chefes, restam, ainda assim, várias centenas de *ditos* dos “homens simples” do sertão, que marcam decisivamente a qualidade do retrato do Brasil apresentado por Guimarães Rosa. A constelação dessas falas populares representa a história a partir da experiência cotidiana, num nível micrológico.

Praticando uma leitura em que método intuitivo e análise empírica se complementam e se imbricam, desenvolvi uma análise qualitativa das falas sertanejas, cotejada com dados quantitativos.⁷ Da totalidade das manifestações sertanejas acabei escolhendo treze falas que me parecem exemplares. Trata-se de uma constelação de ditos populares que proporciona um *insight* nas leis sociais e mentais do universo sertanejo. É um tipo de análise e interpretação em que o estudo da representação do povo põe em evidência o seu papel como sujeito falante.

Mesmo sem termos aqui o espaço para comentar detalhadamente as treze falas, vale a pena apresentá-las sinteticamente em seu conjunto, para que o leitor possa sentir a atmosfera lingüística e o universo mental que elas transmitem:

1. Ao relatar, no próêmio do romance, as palavras do menino Valtêi: – “Eu gosto de matar...” (GSV, p. 13), o narrador enfatiza, logo de saída, a *violência* como dado humano original, contestando o tópos da bondade natural do homem, defendido por Rousseau.

2. A declaração do ex-jagunço Firmiano: – “Me dá saudade é de pegar um soldado [...], pra uma boa esfolá, com faca cega... Mas, primeiro, castrar...” (GSV, p. 20) mostra que, naquele meio social, a violência é compulsória. As ações bárbaras são praticadas por “medo de ser manso”, sendo o *medo* da autoridade uma das bases da sociedade.

3 e 4. Juntamente com a reflexão sobre violência e medo, são introduzidas, ainda no próêmio, os critérios morais do *Bem* e do *Mal*, em termos de referências religiosas populares. – “Eu vi a Virgem!...” (GSV, p. 18), grita, no meio de um tiroteio, o jagunço Joé Cazuzo, à procura de uma perspectiva de salvação. – “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...” (GSV, p. 40), comenta, por outro lado, o João Bugre, tentando explicar a onipresença e aparente invencibilidade do Mal.

Depois de terem sido definidos dessa forma, através de uma incursão *in medias res*, os pontos cardeais do universo sertanejo, em termos sociais, culturais e mentais, o protagonista-narrador passa a organizar a narração de sua vida, em dois grandes blocos. Na primeira parte, ele descreve a condição jagunça da perspectiva de quem está sendo iniciado:

⁷ Essa análise foi desenvolvida no artigo “A liberdade de inventar” (Bolle, 2002).

5 e 6. “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jacunceio...” (GSV, p. 169), depõe Jõe Bexiguento, numa conversa com Riobaldo que se lê como uma entrevista etnográfica. Como *forma de existência* ao mesmo tempo *criminosa e legal*, a jagunçagem é para muitos sertanejos uma tradicional e legítima profissão. Ora, longe de se situar acima das contingências sociais, o sistema jagunço funciona segundo as mesmas estruturas de *poder, dominação e desigualdade* que regem a sociedade em geral. É o que descobre o raso jagunço Gú, na hora do julgamento de Zé Bebelo: – “A gente é braço d’armas, para o risco de todo dia [...]. Mas, se [...] algum chefe nosso cair preso em mão de tenente de meganhas – então hão de ser tratados com maior compostura, sem sofrer vergonhas e maldades...” (GSV, p. 207).

Na segunda parte da história de Riobaldo vem à tona o caráter ilusório da condição jagunça. Ela se revela um modo de existência que encobre os graves *problemas sociais*. Estes passam para o primeiro plano quando o bando de Riobaldo é confrontado com os excluídos:

7 e 8. Gente vivendo nos ermos e na miséria total – eis a condição dos catrumanos do povoado do Pubo, que procuram se resguardar da peste da bexiga preta que se espalhou pelo povoado vizinho do Sucruíú: – “Ossenhon utúrje, mestre, a gente vinhemos, no graminhá... Que estamos resguardando essas estradas...” (GSV, p. 291). No meio deles, os menores abandonados, num nível de existência quase animal: – “Tirei não, nada não... Tenho nada...” (GSV, p. 299), balbucia o menino Guirigó, em molambos, quando pego em flagrante ao roubar uma casa.

9. – “A gente carecia agora [...] de um vero tiroteio [...] A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...” (GSV, p. 307). Assim, um dos jagunços, o Sidurino, expressa seu desejo de tirar algum proveito da condição de homem de armas, no que é “assaz confirmado” pelos demais integrantes do bando, inclusive Riobaldo. Este, ao ascender pouco depois à condição de chefe, tornar-se-á um representante por excelência da ação e da *retórica do sistema jagunço*.

Existem, no entanto, os que desconfiam da demagogia e colocam limites. Esse tipo de falas prevalece na parte final do romance:

10. – “Quem é que vai tomar conta das famílias da gente [...] Quem cuida das rocinhas nossa, em trabalhar pra o sustento das pessoas de obrigação?...” (GSV, p. 337). Eis a ponderação de um dos moradores do povoado do Sucruíú, opondo as *necessidades do cotidiano* ao recrutamento à força pelo bando de Riobaldo.

11. – “Praz vosso respeito, Chefe, a gente decidiram... A gente vamos-embora. [...] A gente gastou o entendido...” – (GSV, p. 375 e 377). Nestes termos, o cabecilha dos cinco urucuianos comunica a Riobaldo a decisão deles de abandonar a empreitada baseada no sistema de *exploração da miséria*.

12. Quando o chefe Riobaldo, a caminho da batalha decisiva no Paredão, se inclina a ir em busca de sua noiva, ou seja, a tratar de seus interesses particulares

(GSV, p. 427), em vez de cuidar de seus subordinados, ele se defronta com o silêncio ativo de seus homens, que é uma forma de *resistência*.

13. No meio da batalha final, Riobaldo, que arrastou para as suas aventuras o velho e cego Borromeu, recebe dele a seguinte resposta: – “Deus vos proteja, Chefe, dê ademão por nós todos... E de tudo peço perdão...” – (GSV, p. 444). Essa fala de *submissão irônica* sintetiza os sentimentos de todos que foram usados em nome da “fama” e da “glória” pelo dono do poder.

Com a apresentação deste conjunto de trezes falas sertanejas, brevemente comentadas, pretendo demonstrar a possibilidade de montar, a partir de manifestações dos próprios sertanejos, um quadro exato do seu ambiente social, de sua história cotidiana e mentalidade. Tal quadro sintético poderia servir de ponto de partida para análises mais detalhadas. A partir de cada uma das treze falas desta constelação, o leitor procuraria dezenas de outras falas e retratos correlatos, semeados pelas 460 páginas do livro, reconstruindo assim, por meio de ramificações, toda a enciclopédica rede de informações sobre o povo.

Nesse trabalho hermenêutico, em que intuição e análise empírica se embricam, o leitor, contudo, não deve pressupor que as treze falas aqui escolhidas intuitivamente venham a ser a média estatística da totalidade das falas do romance. Esse fato pode ser ilustrado através de uma imagem de Walter Benjamin, que enfatiza o primado da leitura qualitativa sobre a quantitativa: As constelações no céu não são a média estatística de todas as estrelas, mas o resultado de um trabalho de interpretação. Em outras palavras: a referida constelação de falas de **Grande sertão: veredas** é um abreviado da história social do sistema jagunço, em forma estética.

Quais são os resultados desta análise das falas sertanejas em **Grande sertão: veredas**, com vistas à compreensão da composição da obra, do discurso do narrador e do projeto do escritor de inventar uma nova língua?

No nível da composição do romance, a incorporação maciça de falas sertanejas permite montar um retrato do Brasil articulado pelo próprio povo. Diferentemente de Euclides da Cunha, Guimarães Rosa trata o povo não como um objeto de estudo e de teorias, mas como sujeito capaz de inventar e narrar a sua própria história. De fato, toda a obra narrativa de Guimarães Rosa, de **Sagarana** (1946) a **Tutu-méia** (1967), é sustentada por um substrato de estórias que o escritor se empenhou, durante a vida inteira, em colecionar na boca do povo. (Também nesse sentido, existe uma afinidade entre esse escritor brasileiro e os Irmãos Grimm). O romance **Grande sertão: veredas** não é exceção, mas parte integrante desse projeto narrativo. Nascido a partir de um manancial de estórias, no meio das várias narrativas de **Corpo de baile**, o romance do “fazendeiro endemoninhado” Riobaldo, apesar de ter crescido enormemente, não faz senão confirmar a sua origem, na medida em que incorpora uma multidão de estórias paralelas em forma de casos e exemplos (como o caso do meni-

no Valtêi, o caso de Maria Mutema narrado por Jõe Bexiguento, o trato entre Davidão e Faustino, a estória do Dr. Hilário, e muitos outros mais), expressando assim uma concepção multifocal e polifônica da História.

Quanto à narração, as manifestações verbais de certos “homens simples” do sertão servem de meio de contraste para o leitor poder avaliar melhor o discurso do protagonista-narrador. Relacionando essa constatação com os dados obtidos em meus estudos anteriores, eu formularia uma observação de ordem geral sobre a feitura desse romance: cada tipo de discurso é dialeticamente *atravessado* por outro tipo de discurso, o que faz com que esse livro concentre em si um grande potencial crítico.

Explicando melhor: o discurso de Riobaldo atravessa o discurso do seu padrinho Selorico Mendes, porta-voz da historiografia laudatória dos potentados que comandam os rumos da política no Brasil desde os inícios. O discurso de Riobaldo atravessa igualmente as declarações e os programas de Zé Bebelo, representante do desenvolvimentismo, do populismo e do discurso eleitoral dos candidatos a cargos públicos. Esse contraste entre a fala grandiloqüente dos poderosos e a fala dos humildes, de cuja perspectiva Riobaldo chega a se aproximar, confirma o que está inscrito programaticamente no título do romance: uma montagem em choque de dois universos lingüísticos e sociais conflitantes. Assim como o seu criador, o protagonista-narrador é um exímio conhecedor de ambas essas esferas de linguagem, sendo o romance deliberadamente construído no campo de tensão entre elas. Quando Riobaldo, depois do pacto, torna-se dono do poder, ocorre também uma mudança em seu discurso, a ponto de ele incorporar a mentalidade daqueles que criticou: os seu Habão, seu Zé Bebelo, seu Selorico Mendes... Nessa fase, o discurso de Riobaldo, por sua vez, é atravessado por falas críticas de sertanejos.

Um exemplo é o já mencionado confronto do chefe Urutú-Branco com os cinco urucuianos que abandonam a empreitada dele. O discurso de Riobaldo enquanto dono do poder é desmascarado através do confronto com os de baixo. O seu estratagema de persuasão, em que ele se dá ares de *homem de fé*, falha. Pelo seu “tom da voz”, confessa o próprio narrador-protagonista, o cabecilha dos urucuianos percebeu o faz de conta: “no afã de querer pronunciar sincero demais o santíssimo nome, eu mesmo tinha desarranjado fala – essas nervosias...” (GSV, p. 378). Esse tipo de autocrítica é um indício de que existem frestas no discurso do *chefe* Riobaldo. Seu discurso é revelado em sua feitura, como coisa construída. Isso é obra de uma instância narrativa que se situa acima dos interesses do protagonista-narrador como dono do poder.

Além desse episódio, existem vários outros momentos estratégicos em que a incorporação de falas de sertanejos comuns lança uma luz crítica sobre a postura social do protagonista-narrador e o tipo e grau de credibilidade do seu discurso.

Em vista da diferença significativa entre a fala de Riobaldo e as falas de

outros sertanejos, a tese defendida por W. Galvão (1972, p. 70) de que a fala de Riobaldo é o “grande unificador estilístico”, é propícia a equívocos. Ela sugere uma harmonia, onde na verdade existe uma divergência de posição social, de mentalidade e de perspectiva política. Essa divergência, entre o protagonista-narrador e vários autênticos porta-vozes do povo – que expressa, inclusive, a auto-reflexão crítica do intelectual Guimarães Rosa – é essencial para a qualidade do retrato do Brasil contido em **Grande sertão: veredas**.

Em busca de um termo técnico para caracterizar a posição que permite avaliar criticamente a postura do narrador enquanto dono do poder, denominei-a, num estudo anterior, de “segunda instância narrativa”. Em oposição à arte da persuasão a serviço do poder, trata-se aqui da retórica como *bene dicendi scientia* (Quintiliano, II. 15, 34 e 38), a ciência de falar bem, baseada na busca da verdade e da justiça, segundo a ética do *vir bonus* – o homem justo e bom, que é encarnado, segundo Walter Benjamin (1936/1985, p. 221), pelo narrador ligado às tradições populares.

Ora, como acabamos de descobrir através da nossa análise da representação do povo e da invenção de linguagem, no romance de Guimarães Rosa, a fonte da segunda instância narrativa são determinadas falas críticas de pessoas do povo. Com efeito, esse segundo sistema retórico – que permite criticar o discurso de Riobaldo, assim como este critica o discurso de Zé Bebelo ou de Selorico Mendes – tem seu substrato nos *ditos* dos de baixo, cujas intervenções são de importância estratégica no retrato do Brasil traçado por Guimarães Rosa.

Apesar do peso decisivo das intervenções críticas de sertanejos comuns, nem por isso o romance chega a idealizá-los. A representação não-idealizada é comprovada por várias passagens em que o protagonista-narrador expressa seu sentimento de superioridade com relação às pessoas do povo. Por exemplo:

Dos outros, companheiros conosco, deixo de dizer. Desmexi deles. Bons homens no trivial, cacundeiros simplórios desse Norte pobre, uns assim. Não por orgulho meu, mas antes por me faltar o raso de paciência, acho que sempre desgostei de criaturas que com pouco e fácil se contentam (GSV, p. 115).

Uma prova mais cabal ainda é que, no plano da invenção de linguagem, as contribuições do narrador são incomparavelmente mais ousadas e mais fecundas que as dos falantes que ele cita. Afinal, Riobaldo é o alter ego de um grande artista. Por outro lado, é preciso reconhecer que as falas do povo são o substrato principal e imprescindível de sua criatividade. Existe ainda um terceiro fator de criação, que tampouco deve ser subestimado: a tradição literária universal, de Homero a Dante, de Cervantes a Goethe, de Rabelais a Dostoievski. Assim, embora a língua nova criada por Guimarães Rosa provenha grandemente de fontes populares, ela acaba sendo

o resultado de uma arte combinatória múltipla, levada à perfeição por esse “solitário engajado” (Eberhard Lämmert)⁸ que é o artista inventor.

Fica assim comprovada a tese inicial de que **Grande sertão: veredas** é uma refinada forma ficcional de uma história das estruturas, em que discursos atravessam outros discursos. A rigor, nenhum desses tipos de discurso tem a última palavra nesse livro, que se encerra com o signo não-verbal do infinito. Com essa energia de linguagem, o romance de Guimarães Rosa possui um enorme potencial crítico e teórico para *atravessar* outros discursos sobre o Brasil.

Consideremos, para terminar, um aspecto da invenção rosiana da linguagem, que transcende a esfera puramente literária. Via de regra, o estudioso da literatura parte de categorias lingüístico-estilísticas já estabelecidas para captar com elas a dimensão da obra literária. Assim, investigamos aqui a representação do povo em Guimarães Rosa e sua criação de linguagem, procurando verificar em que medida o romance corresponde aos pressupostos teóricos e critérios pré-estabelecidos. Ora, essa perspectiva pode ser invertida. Em vez de tomarmos como referência cognitiva principal as teorias já existentes, consideremos a hipótese de que uma obra com a criatividade de **Grande sertão: veredas** contenha um potencial inovador que ultrapassa o que está nos tratados teóricos.

De fato, a invenção de linguagem, por Guimarães Rosa – com a ampla incorporação do *sermo humilise* e a ativação das energias de formação da língua – não se resume em ser um fenômeno estritamente literário. Sua obra abre perspectivas que rompem o círculo das análises imanentes. No campo da pesquisa lexicológica, isso foi percebido claramente por Nilce Sant’Anna Martins, autora do recém-publicado **O léxico de Guimarães Rosa** (2001). Ela fez uma observação transgressora e estimulante (cf. p. xii) que eu gostaria de tomar emprestado em forma de paráfrase. Eu diria então que

foi meu intento realizar um trabalho que não seja apenas mais um estudo da linguagem de Guimarães Rosa, mas um estudo de língua portuguesa na área da poética política, tendo como *corpus* a obra do escritor.

Quero dizer com isso que as inovações poéticas e estéticas postas em obra por Guimarães Rosa configuram uma utopia que não é apenas literária, mas também política: reinventar o português do Brasil, em forma de uma língua que sirva para o diálogo entre as classes. Essa utopia – que foi descrita aqui no contexto da etnografia, sociologia, história e política – configura-se como um tipo de linguagem oposto à retórica desgastada do sistema jagunço vigente. Será que o escritor não visa-

⁸ “Der engagierte Solitär” é um projeto de pesquisa sobre as teorias éticas e políticas de escritores autônomos, coordenado por Eberhard Lämmert no Zentrum für Literaturforschung de Berlim.

va, em última instância, substituir a língua de uma sociedade marcada pela divisão entre senhores e escravos por uma língua comum emancipada?⁹ Diferentemente de harmonizações do tipo *Casa grande & senzala*, o retrato do Brasil articulado em *Grande sertão dois pontos veredas* é uma montagem em choque de linguagens e culturas divergentes, provocando a reflexão sobre o descaso da classe dominante do Brasil para com seu povo.

Com a ampla incorporação da linguagem popular em sua obra, Guimarães Rosa considera os sertanejos não como “objetos” de pesquisa, mas como *sujeitos* da invenção, isto é, como narradores de suas próprias histórias, que ele passou a colecionar e a integrar em suas estórias e em seu romance. Nessa perspectiva, a história do fazendeiro endemoninhado Riobaldo é apenas mais *uma* entre muitas outras histórias, numa historiografia polifônica, esboçada em *Grande sertão: veredas*, que contém também o modelo de uma reescrita da história do Brasil.

Essa reescrita se daria em diversos planos. O nível mais geral consistiria na reinvenção da língua que se fala no Brasil. Hoje em dia, podemos pensar esse projeto também à luz das imensas possibilidades abertas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.¹⁰ As forças atuantes, contudo, não são as tecnologias, mas os educadores, neste Brasil afora. De modo exemplar, a Dra. Calina Guimarães, que criou a associação dos Miguilins, em Cordisburgo: os contadores de histórias que se alfabetizam no contato com a obra de Guimarães Rosa. Com isso, abrem-se perspectivas de um novo método de alfabetização do país, podendo se somar a métodos anteriores de alfabetização, como o de Paulo Freire...

Concluindo estas observações sobre a representação do povo no romance de Guimarães Rosa, é o caso de realçar uma afinidade entre a sua invenção lingüística e a teoria da linguagem de Wilhelm von Humboldt (1830-1835, p. 418), que considera a língua não como obra (*ergon*), mas como atividade (*energeia*). De fato, com a sua invenção de uma nova língua, Guimarães Rosa transcende a esfera da “obra literária”, rumo a uma utopia poética e política, em que cada falante da língua deste país, mesmo o mais humilde, possa ser a gramática, a invenção e o sujeito da linguagem em pessoa. É um projeto de construção política muito diferente do seu precursor Euclides da Cunha. Enquanto este postulou o sertanejo arbitrariamente como “cerne da nossa nacionalidade”, Guimarães Rosa propõe a construção da cidadania através da *energia* da linguagem.

⁹ O que dá margem para esta interpretação é, entre outros, um episódio de *Grande sertão: veredas* que é uma re-memoração crítica do tempo da escravidão (GSV, p. 59).

¹⁰ Procurei sugerir essa idéia com o título do ensaio “grandesertão.br” (Bolle, 2000).

ABSTRACT

This paper studies the portrayal of ordinary people in Guimarães Rosa's novel, from the perspective of his attempt to develop the linguistic dimension of the *sertão* (backlands) culture. The guideline for my analysis of the labyrinthine network of the *sertanejos'* speech is Rosa's program of "inventing a new language". This study shows the importance of popular speech in his portrait of Brazil, especially as it represents a critique of the narrator's own discourse, Riobaldo being the representative of power. With the invention of a new language, Rosa goes beyond the dimensions of a literary work: language is mobilized as "energy", in a poetical and political sense, as an instrument of dialogue between conflicting social classes.

Keywords: Guimarães Rosa; Popular culture; People; *sertão* (backlands) culture; Popular speech; Invention of language.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O narrador (Der Erzähler, 1936). In: _____. *Obras Escolhidas I*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br* ou: A Invenção do Brasil. In: LANCIANI, Giulia (Org.). *João Guimarães Rosa – il che delle cose*. Roma: Bulzoni, 2000. p. 13-99.
- BOLLE, Willi. A função diabólica da linguagem. *Letterature d'America*. Roma, vol. XIX-XX, n. 81-82, 1999-2000, p. 5-25.
- BOLLE, Willi. A liberdade de inventar. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O avesso da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 243-282.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. (1959). 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2v.
- CANDIDO, Antonio. Grande sertão: veredas. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário. 6 de outubro, 1959 (a).
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: _____. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 119-140.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande sertão*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- CLIFFORD, James, MARCUS, George E. (Orgs.). *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CICERO. *De inventione – de la invención retórica*. Ed. bilingüe latim-espanhol. Org. e trad. Bulmaro Reyes Coria. México: UNAM, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Campanha de Canudos. Ed. crítica de Walnice N. Galvão. São Paulo: Ática, 1998.

- DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: travessia literária**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. Um estudo sobre a ambigüidade no 'Grande sertão: veredas'. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GEERTZ, Clifford. **Works and lives. The anthropologist as author**. Stanford University Press, 1988.
- GRIMM, Jacob. Vorrede zur Deutschen Grammatik. (1819). In: _____. **Kleinere Schriften VIII**. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1966. p. 29-96.
- GRIMM, Jacob. Vorrede zum Deutschen Wörterbuch. (1854). In: _____. **Kleinere Schriften VIII**. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1966. p. 302-380.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts. (1830-1835). In: _____. **Schriften zur Sprachphilosophie**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969. p. 368-756.
- JAKOBSON, Roman. Poésie de la grammaire e grammaire de la poésie. In: _____. **Questions de poétique**. 2. ed. Paris: Seuil, 1973. p. 219-233.
- JAKOBSON, Roman. Poésie de la grammaire e grammaire de la poésie. In: _____. **Une vie dans le langage**. Paris: Minuit, 1984. p. 127-153.
- LORENZ, Günter W. João Guimarães Rosa. In: _____. **Dialog mit Lateinamerika: Panorama einer Literatur der Zukunft**. Tübingen: Erdmann, 1970, p. 481-538. – Diálogo com Guimarães Rosa. Trad. Rosemarã Costhek Abílio. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Fortuna Crítica, v. 6).
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Trilhas no Grande Sertão (1958). In: _____. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. p. 151-241.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- QUINTILIANUS, Marcus Fabius. **Institutio oratoria – Ausbildung des Redners**. Ed. bilingüe latim-alemão. Org. e trad. por Helmut Rahn. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988. 2v.
- SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermeneutik**. 2. ed. Org. por Heinz Kimmerle. Heidelberg: Carl Winter, 1974.
- STANZEL, Franz K. **Theorie des Erzählens**. 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.
- WARD, Teresinha Souto. **O discurso oral em Grande sertão: veredas**. São Paulo: Duas Cidades, 1984.